



CAPÍTULO I

A CASA DO ESPELHO

O que é certo é que a gatinha *branca* não teve nada a ver com aquilo — foi tudo por culpa da gatinha preta. Porque há um quarto de hora que a gata velha estava a lavar o focinho da gatinha branca (o que esta suportava com paciência exemplar, dadas as circunstâncias), e, como vêem, era impossível ela ter-se metido ao barulho.

Dinah costumava lavar os focinhos das suas filhas deste modo: começava por segurar nas pobrezinhas por uma orelha e uma pata, e com a outra pata esfregava-lhes o focinho todo, a contrapelo, começando pelo narizito. E ainda agora, como eu disse, ocupava-se ela da gatinha branca, que estava deitada muito quieta, tentando ronronar de satisfação (achando, com certeza, que tudo aquilo era para o seu bem).

Mas a gatinha preta já se tinha despachado muito mais cedo e, por isso, enquanto Alice estava aninhada a um canto da grande poltrona, meio falando consigo mesma e meio adormecida, a traquinas divertira-se imenso com o novelo

de lã que a menina estivera a tentar enrolar. E fizera-o rolar tantas vezes para cima e para baixo que ele se tinha desfeito todo outra vez, e ali estava, espalhado pelo tapete da lareira, enredado em nós, com a gatinha no meio a correr atrás da própria cauda.

— Oh, gatinha travessa! — gritou Alice, pegando na bichana e dando-lhe um beijinho para a fazer perceber que estava desgraçada. — Francamente, a Dinah devia-te ter dado mais educação! *Devias* pois, Dinah, bem sabes que devias! — acrescentou ela, lançando à velha gata um olhar de censura, e falando no tom mais zangado que conseguia. E depois refastelou-se outra vez na poltrona, levando consigo a gatinha e o novelo, e recomeçou a enrolar a lã. Mas



não trabalhava muito depressa, visto estar sempre a falar, às vezes com a gatinha e outras consigo própria. Kitty sentou-se muito compenetrada no joelho da menina, fingindo observar Alice a enrolar a lã, e de vez em quando estendendo uma pata e tocando suavemente no novelo, como se quisesse mostrar que gostaria muito de ajudá-la se pudesse.

— Sabes que dia é amanhã?¹ — começou Alice. — Sabias se estivesse estado comigo à janela. Mas como a Dinah te estava a arranjar, não pudeste. Fiquei a ver os rapazes a apanhar lenha para a fogueira... e é precisa muita lenha, Kitty! Mas pôs-se imenso frio e começou a nevar tanto que eles tiveram de parar. Não faz mal, Kitty, amanhã vamos ver a fogueira.

Então, Alice enrolou duas ou três voltas da meada em volta do pescoço da gatinha, só para ver como lhe ficava. Mas a lã ficou toda emaranhada e, quando a menina tentou desembaraçá-la, o novelo rebolou para o chão, e vários metros voltaram a desenrolar-se.

— Sabes que fiquei muito zangada, Kitty, quando vi as maldades que estiveste a fazer? — continuou Alice, assim que tornou a instalar-se confortavelmente. — Estive quase para abrir a janela e meter-te lá fora debaixo da neve! E bem o merecias, sua malvada! O que é que tens a dizer em tua defesa? Ora, não me interrompas! — prosseguiu, levantando um dedo. — Vou contar-te tudo o que fizeste de mal. Primeiro: miaste duas vezes enquanto a Dinah te estava a lavar o focinho pela manhã. Não o podes negar, Kitty, que eu bem te ouvi! Que é que estás a dizer? — (perguntou, fazendo de conta que a gatinha falava). — A pata dela entrou-te no olho? Pois a culpa é *tua*, por teres os olhos abertos... se estivessem bem fechados, isso não acontecia. Ora, não me venhas com mais desculpas, e ouve-me bem! Segundo: arredaste a Snowdrop puxando-lhe pela cauda quando eu lhe dei o pires de leite! O quê? tinhas sede, era? E quem te diz a ti que ela também não tinha? Agora, terceiro: desenrolaste todo o novelo quando eu não estava a olhar!

«São três maldades, Kitty, e ainda não foste castigada por nenhuma delas. Bem sabes que estou a guardar os teus castigos para o dia de São Nunca... Mas imagina que também guardavam todos os *meus* castigos? — continuou ela, falando mais para si do que para a gata. — Que é que faziam ao cabo de um ano? Mandavam-me para a prisão, acho eu, quando chegasse a minha hora. Ou então, deixavam-me cá ver... imagine-se que cada castigo era o de ficar sem jantar... nesse caso, quando chegasse o dia fatídico, tinha de ficar sem jantar durante cinquenta vezes seguidas! Bem, *isso* não me apoquentava lá muito. Prefiro ficar sem jantar do que comê-lo!

«Ouves a neve a bater nas vidraças, Kitty? É um som muito bonito e suave! Como se alguém estivesse a beijar a janela toda do lado de fora. Será que a neve *ama* as árvores e os campos, para os beijar tão docemente? E depois tapa-os muito bem, sabes, com uma colcha branca, e se calhar diz-lhes “Durmam, meus queridos, até voltar o Verão.” E quando eles acordam no Verão, Kitty, vestem-se todos de verde e põem-se a dançar sempre que sopra o vento... oh, que bonito que é! — gritou Alice, deixando cair o novelo de lã para bater palmas. — E quem *me dera* que fosse verdade! A mim os bosques parecem-me muito sonolentos no Outono, quando as folhas ficam mais castanhas.

«Kitty, sabes jogar xadrez? Vá lá, não te ponhas com esse sorriso, querida. Estou a perguntar a sério. Porque, ainda há bocado, quando estivemos a jogar xadrez, ficaste a ver como se percebesse tudo. E quando eu disse “Xeque!” tu ronronaste! Bem, foi um belo xeque, Kitty, e eu podia ter ganho se não fosse aquele Cavalo malcriado que começou a empurrar as minhas peças. Kitty, minha querida, faz de conta que...»

E quem me dera poder contar-vos metade das coisas que Alice costumava dizer começadas pela sua expressão preferida: «Faz de conta». Mesmo no dia anterior tivera uma enorme discussão com a irmã, só porque tinha começado a dizer «Faz de conta que somos reis e rainhas» e a irmã, que

gostava de ser muito rigorosa, argumentara que não podiam, por serem só duas, e no fim Alice teve de limitar-se a propor: «Bem, então, *tu* podes ser uma, e *eu* serei o resto». E uma vez tinha pregado um susto de morte à sua velha ama, gritando-lhe de repente ao ouvido. «Ama! Faz de conta que eu sou uma hiena esfomeada e tu és um osso!»

Mas isto está-nos a afastar do discurso de Alice à gatinha.

— Faz de conta que és a Rainha Vermelha, Kitty! Sabes, acho que se te sentasses e cruzasses os braços, ficavas igualzinha a ela. Ora tenta lá, para seres boazinha!

E Alice tirou a Rainha Vermelha de cima da mesa e colocou-a diante da gatinha para ela imitar. No entanto, a coisa não resultou, principalmente, segundo Alice, porque a gata não cruzava os braços como devia de ser. Então, para a castigar, segurou-a à frente do espelho, para ela ver como era teimosa.

— E se não começares a portar-te bem imediatamente, mando-te para a Casa do Espelho — avisou ela. — Achas que ias gostar?

«Ora, se prestares atenção, Kitty, e te calares um bocadinho, conto-te todas as minhas ideias sobre a Casa do Espelho. Primeiro, há a sala que vês através do vidro: parece igual à nossa sala de estar, só que as coisas estão ao contrário. Se subir a uma cadeira posso ver quase toda a sala do lado... toda menos o bocadinho da lareira. Oh, gostava tanto de ver *esse* bocadinho! Queria tanto saber se eles têm lume no Inverno, não há maneira de descobrir, sabes, a não ser quando a nossa lareira deita fumo e o fumo aparece também naquela sala... mas isso pode ser só a fingir, só para nos fazer acreditar que eles também têm um fogo. Bom, e depois, os livros parecem-se com os nossos livros, só que as palavras estão ao contrário, *isso* eu sei, porque já abri um dos nossos livros contra o vidro, e nessa altura abriram outro na outra sala ao lado.

«Gostavas de viver na Casa do Espelho, Kitty? Será que eles lá te davam leite? Se calhar o leite do espelho não presta... mas, oh, Kitty! Agora chegamos ao corredor. Só se